O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANNO II — N. 14 | Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1917

REDAÇÃO
Rua do Senado 215—217
Telefone Central 1499

O 10 DE JULHO DE 1915

Uma efeméride da classe

A 10 de julho fluente, completaram-se dois anos do movimento grevista em que nos lançámos para reivindicação dos nossos direitos postergados pela tirania patronal.

O que foi a luta memoravel em que ha dois anos nos empenhámos com o ardor e a enerjia de que sabem uzar os trabalhadores concientes e dignos, não pretendemos dizer nestas linhas, porque ela é, nos seus minimos detalhes, do conhecimento da maioria dos que nos lêm. Recordando este epizodio da nossa vida corporativa apenas procuramos ezemplos que assinalem a diretriz mais conveniente aos superiores interesses da classe trabalhadora.

Tristes e lamentaveis dezerções constataram-se naqueles instantes angustiozos, em que a dignidade de uma escravizada classe corria o risco eminente de sofrer os mais traiçoeiros e rudes golpes. Infinito foi o numero dos que, na hora critica de se pôr á prova o espirito de sacrificio, não souberam ou não quizeram colocar-se no posto que a luta lhes assinalava, como esplorados, como vitimas da sociedade capitalista, mas não pretendemos neste momento penetrar o circulo estreito das retaliações pessoais!

Semeemos antes a mancheias os principios sublimes de emancipação humana, esforçando-nos por estirpar dos cérebros obscurecidos pelos preconceitos oriundos de uma moral mentiroza, porque deste modo apressaremos o advento de dias melhores, de um amanhã radiante de venturas, no qual nós os trabalhadores, não seremos os espoliados, a carne preferida para pasto da cupidez capitalista.

Recordando hoje o «dez de julho» de ha dois anos passados nós aconselhamos aos trabalhadores em hoteis, restaurants e cafés para que se unam estreitamente com os seus pares na esploração de que são vitimas, afim de que possam pôr novamente em cheque os interesse da cambada capitalista num movimento de heroica revolta, que condense as suas aspirações de justiça e liberdade e que seja tambem a manifestação real da conciencia proletaria em marcha para os grandes dias da revolução bemfazeja que ha de fazer ruir este mundo de tiranias!

FILANTROPIA MAL COMPREENDIDA...

Faço os meus empregados trabalhar mais algumas horas para que não se embriaguem nas tabernas

A tomada da Bastilha

A Bastilha, essa fortaleza que defendia a cidade de Paris, e que servia, simultaneamente, de prizão politica, o que lhe dá uma importancia historica bem tiste, foi sitiada pelo povo a 14 de Julho de 1789.

A sua guarnição, sob as ordens do governador Launay, pouco tempo reziste ao ataque formidavel: — ao cabo de tres horas de combate a bandeira rubra dos rebeldes flutúa no cimo das torres em torno das quais se aglomera o povo triunfante.

O decreto consignando a demolição de tétrico edificio, não se faz esperar. Então o povo embriagado com as auras da vitoria, pega nas suas pedras e faz jogos de dominó, medalhões, efijies, etc. E no sitio dessa pavoroza cadeia ergue-se uma coluna de bronze que perpetúa a memoria da sangrenta jornada, e cujo aniversario é em França dia de »festa nacional».

Tal é a efeméride.

Mas se não se considerar a tomada da Bsstilha como um ato heroico, o que se deve noter todavia, é que aquele «assalto», marcando o ponto inicial de um movimento popular, condensa as aspirações dos oprimidos, dos que sofrem o martirio feroz da mizeria e da servidão. A monarquia recebe ali o primeiro golpe. E o povo esprime um novo sentimento que corresponde ao seu triunfo. Esse sentimento define-o uma fraze: «a tomada da Bastilha». Se não é obra da revolução, significa-a.

Tres «etápes» teve o movimento, a saber:

1· As idéas que encarnam os grandes escritores do seculo XVIII, os formidaveis autores da «Enciclopédia»

2· A reação proclamada contra o absolutismo monarquico e o seu largo estendal de abuzos.

3· A revolução.

Estas tres «etápes» serão sempre fatais? Pelo menos a historia assim nos leva a fazer a interrogação. As idéas sempre reclamaram martires, e estes têm caido aos milhares: é que o futuro tem de conquistar-se á força de muitos sacrificios e de muitas dôres. Os que tudo possuem não querem abandonar o fruto das suas rapinas, á boa, sem rezistencia. E o progresso segue a sua marcha acencional, revolucionariamente, atravez do ferro e do fogo.

Porventura estaremos muito perto do periodo de luz em que a idéa se afiirme soberana como a unica força, o unico poder? Sim. E nenhum espirito estudiozo ouzará negar semelhante coiza, a não ser que a sua miopia cerebral seja manifesta, ou nma forte dóze de reacionarismo politico ou relijiozo o não deixe observar as coizas tal qual elas se nos aprezentam.

A época atual é de tranzição. O sistema republicano não póde, de maneira alguma, permanecer como sistema definitivo. Os novos ideais já se afirmam em clarões de revolta, dezenhando-nos com nitidez o que ha de ser a sociedade de amanhã.

Alberto Ghiraldo.

Basta de iluzões!

Afigura-se nos dever dos mais imperiozos o não deixarmos escoar-se a oportunidade que ora nos oferece a questão em fóco da redução das horas de trabalho na nossa coletividade sem que sobre ela bordemos, uma vez mais, alguns comentarios de absoluta necessidade, assinalando ao mesmo tempo a inutilidade completa das leis, do ponto de vista das reivindicações proletarias.

Nunca será demaziado que sobre assunto de tão trancendental importancia nos ocupemos com a maior tenacidade, aprofundando cauzas e apontando efeitos para que, de uma vez para sempre, dezapareça da mente dos trabalhadores a iluzão, profundamente pernicioza aos seus interesses, de que a esploração revoltantemente iniqua a que está sujeito, póde ser suprimida de um golpe ou siquer refreada por meio de uma lei emanada das assembléas politicas onde têm assento os mais conspicuos parazitas sociais, interessados diretos na eternização do atual rejimen social, de esplorados e esploradores, com todas as horrorozas consequencias morais e economicas que ele enjendra.

Todos os esforços dos trabalhadores concientes, daqueles que ou pelo estudo ou pelas lições da dura esperiencia se tenham apercebido de toda a trama social prezente, devem se converjir para que se dissipem as densas trévas que povoam o cérebro da imensa maioria dos seus irmãos, levando-os pela dedução lojica dos fenomenos sociais a se capacitarem da iniquidade de que são vitimas, bem como dos meios com os quais poderá despedaçar os grilhões que os mantém atravéz dos tempos junjidos á esploração capitalista.

Capacitemo-nos igualmente de que a conquista do nosso bem estar ha de ser obra escluziva dos nossos esforços; da tenacidade e enerjia que despendermos na luta pela nossa emancipação dependerá o triunfo que já vai tardando das nossas justas e humanas aspirações de bem estar e liberdade.

Encaremos, porém, a questão no seu amago. E' já do dominio de todos que acompanham com interesse o dezenrolar da questão das horas de trabalho para os empregados em hoteis, restaurants, etc., a absoluta ineficácia da circular espedida pelo sr. prefeito aos ajentes municipais, recomendando-lhes a observancia rigoroza da lei n. 1726; a lei continúa sendo cinicamente violada, isto é, cumpre fielmente o destino lojico de todas as suas irmãs: serem sepultadas na poeira dos arquivos, avolumando cada vez mais a profuza coleção das leis operarias, no esforço improficuo de rezolver com artigos e paragrafos o conflito permanente das duas classes de interesses inconciliaveis: o capital e o trabalho, ou melhor, esploradores e esplorados, ladrões e roubados. Ora, isto quer dizer simplesmente que os problemas de ordem economica e moral da classe trabalhadora só podem ser eficazmente solucionados pelos dirétamente interessados. O Estado ainda mesmo que se empenache com o distico rutilante de democracia, é por demais impotente para dar um passo que seja em beneficio nosso.

Estas verdades sabidas, corriqueiras, nós aqui as assinalamos especialmente endereçadas áqueles que esperam injenuamente a anciada liberdade de algum adventicio milagre, como que chovida do céu governamental.

Dispondo que nenhum empregado em hotel ou restaurant poderia trabalhar mais que doze horas diarias, essa lei não criou, entretanto, como não poderia criar, a necessaria conciencia para fazer prevalecer esse direito; e porque? Porque a unica entidade capaz de criar essa conciencia é a associação de classe, o organismo de rezistencia aos desmandos, ás prepotencias, e ás estorsões patronais que, por meio da propaganda tenaz dos principios de emancipação social, poderá dezenvolver uma vasta obra de educação proletaria, destruindo erros e prejuizos atavicos para estabelecer no seio da coletividade a verdadeira noção dos seus direitos, capacitando-a, dest'arte, para as lutas grandiozas e fecundas pela sua emancipação integral da opressão capitalista.

Nenhum efeito pratico produziu a circular do sr. prefeito municipal, como certamente não produzirá tantas quantas s. ex., ou os seus sucessores, inspirados, talvez, por uma boa intenção que não pretendemos negar, haja por bem espedir

E' obvio, é evidente que, pela pozição que s. ex. ocupa na ordem economica da sociedade prezente, é impotente para rezolver estas questões; os meios para rezolvel-as não estão ao seu alcance, porque esses meios derivam unicamente da noção de um direito e da capacidade para ezerce-lo. Quando essa noção e essa capacidade ezistem a lei é superflua, quando o contrario se dá, a lei, é então, perfeitamente inutil.

Dentro mesmo da historia das nossas lutas corporativas, nós encontraremos, sem grandes esforços de pesquizas, ezemplos do quanto vale a enerjia, a altivez e a capacidade de luta nas reinvidicações proletarias.

Não foi certamente escudado nessa malograda lei, que o Centro Cosmopolita conseguiu derruir, numa luta memoravel, os barbaros horarios que vigoravam outr'ora nos grandes cafés desta capital; naquela época a famoza e nunca assaz celebrada regulamentação das horas de trabalho se achava ainda em laborioza gestação nas retortas lejislativas, á espera que os respetivos lejiferantes ruminassem tranquilamente sobre as suas sapientissimas dispozições...

Não foi tampouco com humilhimas petições aos poderes publicos, mas erguendo potentemente a nossa voz na praça publica, em protesto veemente e dezassombrado, clamante de justiça, que conseguimos fazer recuar aqueles que pretendiam apertarnos ainda mais o guante da formidavel opressão que nos asfixia, com a impozição aviltante da caderneta individual, em que se facultava irrizoriamente aos patrões, amigos do calote e da prepotencia boçal, a prerogativa estupenda de consignar, a seu bel prazer, a conduta das suas vitimas!

E certamente não será em virtude de nenhuma lei, sinão pela da nossa propria vontade, que derruiremos a degradante escravatura a que, ainda hoje, nos traz acorrentados o patrão — o senhor feudal dos nossos dias — tal como outr'ora nos dias tenebrozos, da idade média, o servo curvado sobre a gleba adusta.

Repitamos, pois, o grito que nos serve de epigrafe: basta de iluzões! Façamos nossas as palavras verdadeiramente sabias do insigne revolucionario Pedro Kropotkine, as quais se ajustam á maravilha ao assunto de que nos ocupamos: «E' tempo de compreendermos que não é das leis que se devem esperar estes direitos. Não é numa lei — num bocado de papel, que póde ser rasgado á menor fantazia dos governantes — que iremos buscar a salvaguarda destes direitos naturais. E' sómente constituindo-nos como força, capaz de impôr a nossa vontade, que conseguiremos fazer respeitar os nossos direitos.»

Embora com constranjimento...

Embora com constranjimento quazi invencivel, decido-me afinal a traçar, a propozito da regulamentação legal das horas de trabalho, alguns comentarios que a minha herética incredulidade acerca da panacéa legal me sujerem.

Quando num dos ultimos dias do mez de abril do corrente ano o orgam oficial da Prefeitura, estampava, na sua seção competente, a famoza circular em a qual o sr. prefeito do Districto Federal, «tomando em consideração o pedido que lhe foi prezente pelo Centro Cosmopolita, etc., etc...» chamava a atenção dos seus dignos subalternos para as dispozições constantes de determinados artigos da lei reguladora das horas de trabalho na nossa classe, um intenso e, até certo ponto, compreensivel jubilo logo se apoderou de grande numero de companheiros, os quais, por cauzas que neste momento abstenho-me de esmiuçar, acreditavam piamente (e creio que acreditam ainda hoje) no poder messianico da lei que haveria de, por artes de berliques e berloques, pôr um freio providencial á desmezurada esploração patronal.

Convocadas algumas reuniões da classe para tratar do magno e trancendental assunto, imensa assistencia acorreu a essas reuniões em que se discutia com calor e com minucia dignos de nota os meios capazes de facilitarem aos funcionarios municipais a ardua tarefa da fiscalização da lei, para que essa pudica donzela não ficasse indefeza ás violações patronais...

Em certo momento, porém, um grupo de fervorozos devotos da Santa Lei, ou por que a defeza da mesma, entregue á directoria do Centro Cosmopolita, não corria consoante os seus dezejos ou porque entendesse que a diretoria do Centro não estava ajindo com a necessaria enerjia, ou, finalmente, porque se prezumisse possuidores do segredo de alguma prodijioza panacéa capaz de fazer andar os proprios paraliticos, o certo é que esse aludido grupo de devotos fervorozos das virtudes irradiantes da Lei (com L maiusculo) enfrentou corajozamente o problema destituindo a diretoria da sua missão, com entuziasmo digno de melhor cauza. Foi este um momento devéras critico da nossa vida associativa; confesso que, apezar de velho associado, jamais prezenciara epizodio tão eminentemente traji-comico. A diretoria que, com certeza, contava com o sucesso da empreza que tomára sobre hombros, de conseguir o cumprimento da lei, já antegozava as delicias inenarraveis da vitoria e vislumbrava num sonho de glorias e esplendores e dia feliz em que as portas da séde social abrir-se-iam de par em par para recebe-la numa justa consagração dos seus meritos e de outras coizas igualmente bonitas que o poder maravilhozo do fermento da cevada costuma pôr nos labios dos verbozos oradores de tais solenidades, abespinhou-se com a insolita atitude do grupo dos devotos, e chegou a vibrar no espaço a ameaça terrificante de uma renuncia coletiva e em regra!

Afinal serenaram-se as coizas e tudo voltou aos seus logares, como a paz ao seio de Abraão...

Começa, então, o trabalho da comissão. Trabalho intenso, profuzo, colossal... Fez-se um largo consumo de papel e tinta. Uma multidão de oficios foram dirijidos á vasta coórte dos burocratas municipais.

De repente, porém, cessa todo esse rumorejante esforço da comissão, um profundo e sepulcral silencio faz-se, en-

(Continúa na 2· pajina.)

DIVAGAÇÃO

O calendario réza: 30 de junho de 1017.

Jà ha anos a Europa nada em sangue. Os barbaros espumantes estão queimando os ultimos cartuchos, no intuito de manter de pé a autocracia. O ouro produzido pelo trabalhador, para desgraça sua, róla com o seu sangue e, nos poucos recantos ainda não escurecidos pelas fumaradas das «mausers», os comodistas dos prélos gritam em nome da «Patria» para que tambem os seus póvos avancem como cães na defeza do burguez gordo e perverso.

Guerra!... E' o grito dos mizeraveis que vivem na fartura e por ela obrigam os infelizes á peleja..

* * *

Enquanto isto, um povo—o escravizado povo da Russia—guiado pelas vozes dos que ha muito ali pregam os bemfazejos ideais, investe pela liberdade, e, para terror dos palacianos, soldados e trabalhadores se confraternizam para um passo maior — o grande passo da Revolução.

Foi Hermes Fontes quem escreveu:

«Ha de passar o cégo heroismo dos cossacos: e os apostolos bons de que a Russia se ufana, refortalecerão os pequenos e os fracos.
Contra o fuzil que abata ou a corda que enforque, a Justiça erguer-se-á, como na soberana vizão de Dostoiwesky e de Maximo Gorky!»

O soldado—esta maquina antipatica que é o pezadêlo da sociedade—ha de, afinal, e em dias que já tardaram mais, compreender o ridiculo que vem reprezentando deante das conciencias puras, para unir-se aos seus irmãos da oficina, num movimento de guerra aos seus algozes comuns.

E então—ainda o majistral poeta o diz:

«Dezaparecerá a horrivel avantesma,
pezadêlo das almas progressistas.
E tu, Conciencia Humana, integrada em ti mesma
para a capacidade superior
de ser livre, ser justa e soberana,
has de empreender as mais luminozas conquistas
pela Felicidade Humana,
pela perpétua Paz e para o mutuo Amôr.»

Aureliano Luna

Embora com constranjimento...

(Continuação da 1ª pajina.)

tão, sobre a sua obra... E' que as laboriozas abelhas da colmeia libertadora fabricavam silenciozamente, modestamente, o deliciozo mel da liberdade...

Mas o cazo é que até hoje ninguem sabe os passos que teriam dado tão valorozos mancebos, que podessem justificar o entuziasmo com que arrebataram das mãos da diretoria o doente atacado de mal de morte, cujos funerais competiam ser tratados pelos proprios donos do defunto, que no cazo era a diretoria. Esta ao menos lhe poderia fazer um enterro de 1ª classe...

Pois, é verdade, meus amigos! Até hoje a eminentissima comissão não se dignou decer do seu firmamento para esplicar-nos o que realizou ou o que pretendia realizar para fazer andar os paraliticos, dar vista aos seus cegos e voz aos mudos...

Num meio como o nosso em que predomina em grande escala o comodismo, ou melhor, o habito de esperar dos demais a defeza dos proprios interesses, não é de admirar que a classe inteira se dependurasse dos labios da malograda comissão a espera que deles partissem a palavra de ordem ou anuncio da almejada vitoria. Achamos naturalissimo, mesmo, o assedio em que se viu metida a comissão, por culpa aliás, dela propria. O cazo é que, para qualquer parte para onde se dirijissem os seus membros, eram eles alvejados com pergunta nada recomendavel mas em todo o cazo muito carateristica:

—«Então! Quando virão as dozes? Que diabo! vocês não fazem nada!»

E assim como estes outros epizodios semelhantes, os quais, se por um lado evidenciavamos a erronea noção que tem a classe dos seus deveres, por outro lado infligiram aos injenuos membros da comissão uma justa e oportuna ilção...

Que essa lição lhes oproveite devidamente, para que, de outra vez, não confiem demaziadamente nos efeitos milagreiros da lei...

J. C. P.

AS 12 HORAS E O DESCANSO SEMANAL

A' classe dos empregados em hoteis, restaurants, cafés e anexos

Relembrando a memoravel data de 10 de Julho de 1915

Foi precizamente nesta data que o Centro Cosmopolita, genuino reprezentante da nossa classe, teve que entrar em franca luta contra a persistencia em que os patrões se mantinham, e se mantêm ainda hoje, em não cumprir uma lei que vinha beneficiar um pouco os nossos interesses.

E' bom, pois, que todos os companheiros conheçam o papel que reprezentam no seio da sociedade prezente. As leis para nós não ezistem, e a prova disso é que fomos compelidos á uma luta ingloria como a de 1915, precizamente em consequencia da falta de cumprimento da lei que nos assegurava o direito de não trabalharmos mais que doze horas diarias.

Ha seguramente tres mezes que o Centro Cosmopolita procurando opôr-se aos abuzos patronais, ao desrespeito cinico dos nossos direitos, enviou uma reprezentação ao sr. prefeito reclamando contra a falta de ezecução da lei das 12 horas e descanso semanal; essa reprezentação obteve despacho favoravel, havendo o sr. prefeito recomendado, em circular que então espediu aos ajentes distritais, a massima observancia pelo cumprimento da lei. Pois bem: apezar de já se terem passado cerca de quatro mezes, não deram siquer os ajentes um sinal de que tiveram noticia das recomendações do seu superior hierarquico, não lhes dando, mesmo, a menor importancia. E assim continuam os patrões dezenvolvendo as suas torpes esplorações, obrigando os seus infelizes empregados a trabalharem 16 e 17 horas por dia, metidos dentro de cubiculos como são em sua totalidade as cozinhas dos hoteis desta capital; nesses estabelecimentos todos os esmeros, todos os cuidados, são para as dependencias esternas, ao alcance da vista do publico. No interior, porém, é o reverso da medalha: um monturo verdadeiro, mais apropriado á criação de suinos do que para recinto destinado á manipulação de iguarias, onde trabalham grande numero de homens. São logares eziguos, onde a hijiene prima pela auzencia, onde não ha a necessaria cubajen de ar, onde se respiram gazes mefiticos, nauzeabundos, onde, finalmente, os bacílos de Kock, esses terriveis propagadores da tuberculoze, encontram vasto e fertil campo á sua sementeira!

Chega a ser inacreditavel que em uma capital como esta não se tome maior interesse pela vida da sua população, deixando-a inteiramente entregue a ganancia assassina dos esploradores!

E nós, companheiros, assistimos impassiveis a esses atentados aos nossos interesses! E' chegado o momento de levantarmos o nosso grito de revolta contra todos esses privilejiados, aos quais todas as leis os garantem, e só unidos, fortes, e coezos o poderemos fazer com rezultados reais!

B. A.

Por ser hoje, 15 de julho, um domingo, dia improprio para as nossas reuniões, rezolveu a Diretoria do Centro Cosmopolita adiar a assembléa geral que deve elejer a nova administração, para amanhã, segunda feira, 16.

O PROLETARIADO MILITANTE

S. PAULO EM PLENA GREVE GERAL

O povo conquista a bala o direito a' vida!

Segundo os ultimos telegramas recebidos de S. Paulo ascedem a 35 mil o numero de trabalhadores que, na capital paulista, abandonaram o trabalho, reclamando com armas na mão, o direito á vida, reajindo contra o estado de mizerias a que os reduziu a avidez dos açambarcadores dos generos alimenticios e demais esploradores, e ezijindo o aumento dos eziguos salarios e redução das horas de trabalho.

Milhares de homens, mulheres e crianças percorrem as ruas da Paulicéa, clamando a plenos pulmões contra a dezenfreiada esploração dos detentores da riquza social. São os escravos modernos, os produtores de todas as riquezas, que saem afinal das alfurjas em que habitam para reivindicarem os seus naturais direitos!

Segundo narram os telegramas, varios e sangrentos encontros ocorreram ja entre os grevistas e os janizaros da força publica.

Entretanto, tais acontecimentos não sorpreende os que, como nós, sofrem as indiziveis angustias da situação prezente. Eram mesmo de prever, dado o estado de intoleravel e crecente mal estar do proletariado deste paiz, agravado com a guerra que ha tres anos precizos vem trazendo a ruina e a morte aos mais reconditos recantos do mundo, e de cujo pretesto se têm aproveitado os especuladores de todos matizes para reduzir o povo aos estertores da fome.

Relatemos, porém, os fatos de mais importancia, relacionados com o movimento grevitas de S. Paulo:

O movimento, que começára no Cotonificio Crespi e na Companhia Antartica, generalizou-se rapidamente. Dentro em pouco a ele aderiam inumeras outras classes, entre as quais as dos trabalhadores da fabrica Maria Anjela, e da seção de Industrias Reunidas de Matarazzo.

No dia 9, no momento em que os grevitas percoriam as ruas da cidade, solicitando a adezão dos seus companheiros, inopinadamente caiu sobre eles a policia. Tremendo conflito estabeleceu-se, saindo feridos varios operarios, dos quais um morria momentos após. O enterro dessa vitima da prepotencia policial constituiu uma imponente manifestação de protesto. Imensa multidão acompanhou-o á necropole onde foram pronunciados discursos veementes.

Essa infamia dos defensores incondicionais da burguezia serviu para trazer um impulso vigorozo ao movimento: no momento que escrevemos estas linhas o numero dos trabalhadores em gréve atinje o respeitavel numero de 35 mil!

—

O Comité geral das varias sociedades e grupos poletarios reuniram-se para estudar e rezolver as bazes sobre as quais deve assentar quaquer acordo a ser estabelecido entre patrões e operarios para pôr termo á gréve.

Houve longa e renida discussão, durante a qual foram aventados numerozos alvitres, sendo finalmente redijida a seguinte comunicação:

«Os reprezentantes das ligas operarias, das corporações em gréve e das associações politico-sociais que compõem o «Comité» de Defeza Proletaria, reunidos na noite de 11 de julho, depois de consultadas as entidades de que fazem parte, espondo as aspirações não só da massa operaria em gréve como as aspirações de toda a população angustiada por prementes necessidades, considerando a insuficiencia do Estado no providenciar de outra fórma que não seja pela repressão violenta, tornam publicos os fins imediatos que a atual ajitação se propõe, formulando da maneira que segue as condições de trabalho que, oportunamente, serão ezaminadas nos seus detalhes:

1ª—Que sejam postas em liberdade todas as pessoas detidas por motivos de gréve;

2ª—Que seja respeitado do modo mais absoluto o direito de associação para os trabalhadores;

3ª—Que nenhum operario seja dispensado por haver participado ativa e ostensivamente no movimento grevista;

4ª—Que seja abolida de fato a esploração do trabalho dos menores de 14 anos nas fabricas, oficinas, etc.

5ª—Que os trabalhadores com menos de 18 anos não sejam ocupados em trabalhos noturnos;

6ª—Que seja abolido o trabalho noturno das mulheres;

7ª—Aumento de 35 % nos aslarios inferiores a 5$ e de 25 % para os mais elevados;

8ª—Que o pagamento dos salarios seja efetuado pontualmente, cada 15 dias, ou, o mais tardar, cinco dias apóz o vencimento;

9ª—Que seja garantido aos operarios trabalho permanente;

10ª—Jornada de oito horas e semana ingleza;

11ª—Aumento de 50 % em todo o trabalho estraordinario.

Além disto, que, particularmente, se refere ás classes trabalhadoras, o «comité» de Defeza Proletaria, considerando que o aumento dos salarios, como quazi sempre acontece, possa vir a ser frustado por um aumento — e não pequeno — no custo dos generos de primeira necessidade, e considerando que o atual malestar economico, por motivos e cauzas diversas, é sentido por toda a população, sujere algumas outras medidas de carater geral, condensadas nas seguintes propostas:

1ª) Que se proceda ao imediato barateamento dos generos de primeira necessidade, providenciando-se, como já se fez em outras partes para que os preços, devidamente reduzidos, não possam ser alterados pela intervenção dos açambarcadores;

2ª) Que se proceda, sendo necessario á requisição de todos os generos indispensaveis á alimentação publica, subtraindo-os assim do dominio da especulação;

3ª) Que sejam postas em pratica imediatas e reais medidas para impedir a adulteração e falsificação dos produtos alimentares, falsificação e adulteração até agora largamente ezercitadas por todos os industriais, importadores e fabricantes;

4ª) Que os alugueis das cazas, até 100$, sejam reduzidos de 30 %, não sendo ezecutados nem despejados por falta de pagamento os inquilinos das cazas cujos proprietarios se oponham áquela redução.

As propostas e condições acima são medidas razoaveis e humanas. Julga-las subversivas, repeli-las e pretender sufocar a atual ajitação com as carabinas dos soldados, acreditamos que seja uma provocação perigoza, uma prova de absoluta incapacidade.

O «Comité» de Defeza Proletaria crê haver encontrado o caminho para uma solução honesta e possivel. Esta solução terá, certamente, o apoio de todos aqueles que não forem surdos aos protestos da fome.»

—

Foi destribuido em S. Paulo o seguinte boletim:

«AOS SOLDADOS! — Soldados! não deveis perseguir os nossos irmãos de mizeria. Vòs, tambem sois da grande massa popular e, si hoje vestis a farda, voltareis a ser amanhã os camponezes que cultivam a terra, ou os operarios esplorados das fabricas e oficinas.

A fome reina nos nossos lares, e os nossos filhos nos pedem pão! Os perniciozos patrões contam, para sufocar as nossas reclamações, com as armas de que vos armaram, oh! soldados.

Essas armas eles vo-las deram para garantir o seu direito de esfomear um povo.

Mas, soldados, não façais o jogo dos grandes industriais que não têm patria.

Lembrai-vos que o soldado do Brazil sempre se opoz á tirania e ao assassinato das liberdades.

O soldado brazileiro recuzou-se no Rio, em 80, a atirar sobre o povo quando protestava contra o imposto do vintem, e, até o dia 13 de maio de 1888 recuzou-se a ir contra os escravos que se rebelavam, fujindo ao cativeiro!

Que belo ezemplo a imitar!

Não vos presteis, soldados, a servir de instrumento de opressão dos Matarazzo, Crespi, Gamba, Hoffmann, etc., os capitalistas que levam a fome ao lar dos pobres, e gastam os milhões mal adquiridos e que esbanjam com as cocotes.

Soldados!

Cumpri o vosso dever de homens! Os grevistas são vossos irmãos na mizeria e no sofrimento; os grevistas morrem de fome, ao passo que os patrões morrem de indijestão!

Soldados! Recuzai-vos ao papel de carrascos!

S. Paulo, junho de 1917.—UM GRUPO DE MULHERES GREVISTAS.»

Um telegrama interessante

PETROGRADO — Junho, 25 — Depois de algumas tentativas consegui que me permitissem a entrada no palacio de Durnovo, que foi transformado numa verdadeira fortaleza pelos anarquistas, quinta-feira, á noite. Ao penetrar no parque que circunda esse majestozo palacio vi por toda a parte grandes cartazes afixados, nos quais se lia: «Morte a todos os capitalistas!»

Ao me aprossimar da porta, um rapaz, armado de carabina, a montar guarda, depois de um saudar, acrecentou:

— Entre camarada. Sois norte-americano?

Respondi-lhe afirmativamente, esplicando-lhe que era jornalista. Tanto bastou para me tornar objéto do melhor acolhimento, sendo-me dirijidas de toda parte palavras de boas vindas, pronunciadas em inglez, porém, com acento norte-americano.

Essa receção alegre e cheia de cordialidade de que fui alvo, surpreendeu ás pessoas que estavam do lado de fóra do edificio, e isso nada mais nada menos, porque os anarquistas são considerados entre o povo como seres mais temerozos que os proprios espiritos infernais(1).

E o fato é que eu era pouco para as perguntas: queriam saber quando sairiam de Petrogrado, para que jornal escrevia eu, se seria publicada a narração da batalha do palacio de Durnovo, quando fosse atacado, si eu escrevia em algum diario de São Francisco; em suma, um nunca acabar de interrogações.

Em seguida convidaram-me a entrar e fui conduzido á prezença dos chefes (2) do movimento com os quais conversei perguntando-lhes quantos deles ali eram norte-americanos.

— Somos quinze, responderam-me.

— E por que ajem assim?

— Porque somos anarquistas como sempre o fomos. Nos Estados Unidos nunca nos foi possivel operar, (3) mas agora podemos ajir e não deixaremos de fazer o que estiver em nossas mãos.

Dezejando investigar-lhes o pensamento acerca das idéas gerais, perguntei-lhes o que julgavam eles da guerra.

— Que os diabos a levem, retorquiram. Temos aqui uma guerra maior em que nos empenharmos, a guerra contra os capitalistas.

— Mas, afinal, sois a favor da paz em separado?

— Favorecemos toda especie de paz, mas isso pouco importa, porque é bem possivel que sejamos todos mortos aqui, logo que o governo peça o aussilio das tropas para nos atacar; e morreremos todos, porque não somos covardes (4).

Perguntei-lhes então si eles haviam tomado parte no ataque ao jornal *Russky-Volya* e a resposta foi:

— E' claro.

Nessa ocazião fui abordado por um joven que havia outr'ora sido empregado na fabrica de automoveis norte-americana de Détrot, o qual mostrando-me um revólver me interpelou:

— Que lhe parece isto? Pois é o argumento que havemos de empregar e uzaremos tambem muitas *batatas* das grandes (o que significa bombas no *argot* russo).

— Deveis aparecer aqui amanhã. disse-m um joven, ex-empregado da fabrica Clevelande porque o governo mandará tropas para no, atacar, e todos nós morreremos antes de nos rendermos. Vereis uma verdedeira guerra nestes jardins.

Entricheirados no palacio, há cerca de 70 anarquistas, á frente dos quais estão individuos dos Estados Unidos, incluzive uns dez dezalmados (5) de Nova York, vindos de lá via Noruega. As autoridades informam que esses tipos são de temperamento violentissimo e feroz (6).

O grande palacio de Durnovo está convertido num antro de imundicies: os homens não lavam o rosto, não tomam banho nem têm os mais rudimentares cuidados de *toilette*; varios deles aprezentam aspéto verdadeiramente hediondo, trezandando a iodoformio (7). Tive tambem ocazião de ver algumas mulheres bonitas e jovens atravessando pelos quartos.

Durante a minha permanencia ali, os habitantes quizeram me obzequiar, oferecendo-me *vodka*, (8) de que disseram haver no palacio grande quantidade.

Esses anarquistas estão passando os melhores dias da sua vida, vida que segundo eles acreditam e espera o povo de Petrogrado, não durará muito, pois a espetativa geral é que não tardará a batalha entre eles e as tropas do governo (9).

J. W. SHEPHERD

Por absoluta falta de espaço fomos obrigados a suprimir os comentarios que, em notas de redação, acompanhavam este telegrama.

REJIMEN DA ROLHA PARA OS OPERARIOS

A morte abre uma vaga no Supremo Tribunal Federal?

Precavenham-se os ex-sarjentos; acautelem-se os operarios:—o chefe de policia, Dr. Aurelino Leal, vai forçar a atenção do prezidente da Republica, ezibindo a estafada fita da descoberta de uma conspiração urdida pelos Srs. Felix Bocayuva e Ananias de Albuquerque, de parceria com os primeiros, e requintar de violencia contra os que o Sr. Venceslau chama a *classe mais humilde* da nação.

A esse espetaculo grotesco, fatal consequencia do passamento do Dr. Oliveira Ribeiro, agora estamos assistindo mais uma vez.

O chefe Leal (?) multiplica-se em manifestações de zelo, de atividade e de... notorio saber.

O zelo está ultra-demonstrado no *arranjo da conspirata* do sarjento Bernardes filado em flagrante, dizem os jornais, aditos á repartição da rua da Relação, no proprio momento em que em companhia de um compadre saboreava uma peixada na estação do Realengo; a atividade na dezenfreada perseguição aos operarios, prezos aos cardumes, quando ficam, saem ou regressam á casa, quando fumam, bebem. comem ou...; e o *notorio saber*, nas inesqueciveis taramelações do famozo grupo de harpa e dansa «Conferencia Judiciaria Policial».

Si o Sr. W. Braz ainda desta vez não gratifica o esforço sobrehumano da alevantada «consciencia juridica» do seu Vidigal, prezenteando o Sr. Aurelino com o ambicionado emprego de ministro do Supremo Tribunal Federal, é realmente caso para S. S. dezesperar e dar um pulo até a capital da Baia a ver em que pé se encontra o processo que, pelo crime de prevaricação, lá lhe foi instaurado.

No intuito evidente de lizonjear o prezidente da Republica, cujo rancor ao operariado conciente é de sobejo conhecido, o chefe de policia, sobretudo a partir da imponente manifestação proletaria do 1° de Maio, tem desenvolvido perseguição feroz aos trabalhadores, com especialidade aos da Federação Operaria.

Documento oficial, publicado no *Diario do Congresso*, e por S. S. subscrito, nos instruiu que, apenas em tres dias (11, 12 e 13 de Maio), o Sr. Aurelino fez encarcerar, uns, quando entravam no edificio da Federação, outros, quando dela se retiravam, 23 trabalhadores.

As prizões, tambem sem motivo justificado, efetuadas nesses tres dias na Gavea, no Jardim Botanico, em Vila Izabel e nas ruas e praças centraes da cidade ascendem a algumas centenas.

A despertar, a incitar a perversidade da malta de beleguins açulados contra os operarios, a população carioca, estupefata, viu o Dr. Aurelino Leal, chefe de policia, furioo, possesso, brandindo grosso bengalão, percorrer as ruas e largos do Rio de Janeiro, invetivando e prendendo, elle proprio, homens pacificos!

Nos jornais de 13 e 14 de Maio, pormenoriadamente vem narrada cena deprimente e revoltante ocorrida na praça Onze de Junho:

«A's 14 horas, em frente á Escola «Benjamin Constant, parou o auto-«movel do Sr. Aurelino Leal. Dele «saltaram o chefe e tres agentes de «policia. S. S., com a sua gente, «avançou para o centro do jardim, «de cara amarrada, pizando por cima «da grama, sem procurar as aléas. «Chegando ao grupo de 5 trabalha-«dores com os quais conversava-«mos, foi indagando, *bruscamente*:

«—Que fazem aqui? e o semblan-«te iracundo completava a ameaça «da pergunta.

«—Estamos á espera do *meeting*, «respondeu em voz normal um dos «prezentes.

«—Seus *cachorros*, estão prezos! «E' precizo responder-me com modos.

«E, chamando guardas-civis, orde-«nou-lhes que levassem os cinco ho-«mens para o xadrez da Repartição «Central. Nós nada sofremos... porque eramos jornalistas.»

Durante todo o resto do mez de Maio, o chefe de policia, para deleitar o Sr. Wenceslau Braz; os espiões, delegados, guardas e demais pessoal subalterno, para lizonjear o chefe e pescar gratificação, estimulando-se uns aos outros, cometeram toda a sorte de vilanias, dezatinos e violencias contra a classe operaria.

Diariamente, junto á porta de entrada da Federação, estacionava uma matula de agentes, incumbidos de levar á prezença do Inspetor do Corpo de Segurança os trabalhadores que procuravam aquela associação.

Conduzidos á Repartição de Policia, esses homens, si não os metiam em imundo xadrez, permaneciam incomunicaveis, como se fossem perigozos malfeitores, horas seguidas, por vezes até alta madrugada. Após uma longa espera, o major Bandeira de Mello chamava-os ao seu gabinete, reprehendia-os asperamente por frequentarem a Federação, e sob a ameaça de envia-los para a Colonia Correcional, impunha-lhes, de ordem do Sr. Aurelino, a proibição de assistirem qualquer reunião de classe!

Era o «terror branco». Muitos se dispuzeram a responder á violencia com a violencia.

E desse propozito só a custo foram dissuadidos pela fação que, mais prudente ou menos avizada, entendeu utilizar, para pôr cobro e remate ás provocações e perseguições da autoridade, o recurso aos tribunaes.

Centenas de *habeas-corpus* têm sido impetrados. Nenhum só dentre tantos até agora surtiu efeito.

A Côrte de Apelação, prezumivelmente já combinada com o chefe de policia, se satisfaz com a invariavel resposta que os seus pedidos de informação obtêm: — não está prezo.

Inutil collocar sob as vistas dos dezembargadores qualquer prova em contrario.

— «Entre a palavra o ficial, — graves, solenes, *justiceiros*, — pontificam os egrejios tartufos — que afirma não estar preso o paciente e os documentos prezentes, um dos quais carta do paciente, de hoje datada da prizão em que se acha, comprobatorios da mentira oficial, não podemos hezitar: — é com o massimo respeito que acatamos a mentira da autoridade.»

Tão convencido está o chefe de policia do aviltamento, da inconciencia desses juizes que nem mesmo procura mascarar a nenhuma consideração em que os tem.

Ezemplos. O Sr. Aurelino, *em 15 de Junho*, comunicou á Côrte de Appellação que o operario Monreal, uma das suas muitas vitimas, «não fôra, nem estava prezo.»

Assoalha-se a noticia de haver a policia assassinado Monreal, a pancadas, no xadrez da Repartição Central. A desmenti-la corre o inspetor do Corpo de Segurança e, de cambulhas da, desmentindo o seu chefe, assevera—o que era verdade: o homem preso desde o dia 7, no dia *15 de junho* estava na Detenção e lá ainda se encontra!

A 3ª Camara da Côrte de Apelação ordena ao Sr. Aurelino que á sua 1ª sessão sejam prezentes Francisco Ferreira, Pedro Matera e mais dez ou doze trabalhadores, arbitrariamente privados da liberdade.

—Não estão prezos, — respondeu-lhe o chefe de policia.

E nesse mesmo dia, satisfazendo ao requerimento de informação do deputado Mauricio de Lacerda, comunica á Camara que todos esses homens, «anarquistas perigosos», estão presos e vão ser devidamente processados!

Romano Crossi, tranquilo e despreocupado, sae da Federação e toma o rumo da sua moradia. Saem-lhe ao encalço dois galfarros policiais e, de ordem do Sr. Bandeira de Mello, conduzem-n'o ao xadrez.

Seguem-se: pedido de *habeas-corpus*, ordem de apresentação do prezo, *negativa* do chefe de se achar Crossi encarcerado, e, finalmente, *confissão* do Sr. Aurelino á Camara dos Deputados de que em *21 de Maio* deportara o operario que á Corte de Appellação, em 18, elle asseverara estar em liberdade.

Agora mesmo, o Supremo Trlbunal Federal vai conhecer (1) de um recurso interposto de decisão da Côrte de Apelação, estabelecendo, em contrario ao disposto no § 8° art. 72 da Constituição Federal e á jurisprudencia do Supremo, que aos operarios não é garantido o direito de reunião.

O acordão dos impagaveis desembargadores está bazeado ezcluzivamente em informação do jurisconsulto Aurelino Leal, que, a quatro pés, sustenta estar aquelle artigo da Constituição e a jurisprudencia do Supremo invalidados pela opinião emitida por S. S. e devidamente homologada pela filarmonica «Judiciaria-Policial» de que é licito á policia proibir *meetings, quando promovido, por operarios!*

Tanta sapiencia, tanto zelo, tão notorio saber tem, como deixamos exemplificado, revelado o Sr. Aurelino Leal no exercicio do cargo que está ocupando, que uma recompensa lhe é devida.

Vamos, Sr. Wenceslau! *Un bon mouvement!*

Apiede-se de nós e encaixe o homem no Supremo Tribunal Federal!

do 1. numero do "O DEBATE".

J. Gonçalves da Silva

"O Cosmopolita"

São nossos reprezentantes:

Em Santos, Emilio Alvarez—Hotel Balneario.

Em Campos, Perfecto Gonzalez—Rua 13 de Maio n. 51.

Em Buenos Aires, Alvaro Ferruz Estrada—Calle Tucuman n. 862.

Os camaradas que nas localidades acima indicadas dezejarem assinar «O Cosmopolita» poderão dirijir-se ás pessoas mencionadas.

Nesta Capital «O Cosmopolita é encontrado á venda no engraxate do Café Criterium.

Cervejaria Brahma

Recomenda as suas afamadas marcas:

Fidalga Malzbier Brahma Porter

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das aguas de meza

"Caza Rist"

Depozito excluzivo de produtos nacionais

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77 Telefone 455-Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das Aguas de Meza

CERVEJARIA BOHEMIA

Prefiram sempre as nossas cervejas

Vienna, Aurora, Serrana e Petropolis

DEPOZITO GERAL:

RUA SENADOR POMPEU, 296

TELEFONE: 6099 NORTE

ALFAIATARIA SANTOS DUMOVT

Especialidade em jaquetas de alpaca e brancas para "garçons" de restaurants, cafsé, bars, brasseries, etc., etc. — Preços modicos

192, Rua 7 de Setembro, 192

CENTRO COSMOPOLITA

Séde: RUA DO SENADO 215--217 (TELEFONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbe-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hoteis, restaurants clubs, bars e demais cazas deste ramo, pessoal competente para banquetes, cazamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivais, conferencias e outros atos de reconhecida moralidade

Atende e chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia